

FERNANDES, Cleudemar Alves; SOUSA, Kátia Menezes de. (Organizadores). Apresentação do Dossiê (Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.01-11, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

## **Apresentação**

### **(Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje**

Cleudemar Alves Fernandes<sup>1</sup>  
Kátia Menezes de Sousa<sup>2</sup>  
(Organizadores)

Este Dossiê temático reúne artigos resultantes de conferências sobre o tema “A (re)configuração da biopolítica no Brasil de hoje”, que integraram a programação do III Ciclo Nacional dos Estudos do Discurso, Evento promovido pelo Grupo Trama – Laboratório de pesquisas e estudos discursivos (UFG-CNPq) – e realizado durante os dias 24 e 25 de novembro de 2016, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, com apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística dessa universidade. Para tal realização e definição da temática, o grupo promotor contou com a parceria de grupos de pesquisa, com os quais desenvolve atividades de pesquisa em caráter interinstitucional, a saber: Laboratório de Estudos do Discurso – Labor, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, coordenado pela professora Vanice Sargentini; Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos – Ledif, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, coordenado pelo professor Cleudemar Alves Fernandes; Estudos de Linguagem e Mídia – Limiar, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, coordenado pela professora Cristina Batista Araújo; Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos de Catalão – LEF-GO, da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão – UFG-RC, coordenado pelo professor Antônio Fernandes Júnior.

Nesse evento, os pesquisadores conferencistas convidados retomaram as reflexões de Michel Foucault sobre biopolítica para examinar suas formas na atualidade brasileira, tendo em vista os discursos que as sustentam, os mecanismos que as aproximam de práticas fascistas e seus efeitos nos sujeitos. Para contemplar a proposta, os autores focalizaram problemáticas presentes na sociedade, que envolvem formas de organização e/ou gestão da população e/ou de grupos sociais que, historicamente, sofrem modificações. Nessas exposições, assim como no pensamento de Foucault, o

---

<sup>1</sup>Professor Titular do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia; Líder do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos – LEDIF-UFU-CNPq. cleudemar@ufu.br

<sup>2</sup>Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. km-sousa@uol.com.br

FERNANDES, Cleudemar Alves; SOUSA, Kátia Menezes de. (Organizadores). Apresentação do Dossiê (Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.01-11, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

sujeito ocupou espaço importante, se não central, uma vez que a sociedade se organiza e se modifica por meio de relações de poder e saber, sendo o sujeito o engenho e o alvo dessas relações. Todavia, trata-se de movimentos e/ou movimentações coletivas, e não de ações individualizadas, aspecto atestado pela problemática da subjetividade e da subjetivação, conforme leremos em artigos ajuntados a este dossiê, que focalizam discursos e sujeitos historicamente produzidos e modificados por uma exterioridade social. Acrescenta-se a isto a problematização das práticas políticas, jurídicas e midiáticas, em seu confronto com as questões sociais e éticas da atualidade brasileira. Esse confronto nos incita a pensar sobre as novas maneiras de governo de si e dos outros, dada a possível reconfiguração da sociedade de biopoder e da governamentalidade, segundo descreve e analisa Michel Foucault no final dos anos 1970 e início de 1980; e nas estratégias de poder exercidas no Brasil atual, que fazem reviver certas técnicas das sociedades de disciplina, controle e soberania.

As reflexões arroladas nos estudos aqui reunidos ancoram-se no pensamento de Michel Foucault que considera a biopolítica como um procedimento de governo voltado para a gestão da vida da população, que envolve a saúde, a alimentação, a sexualidade, a natalidade etc., conforme podemos ler em suas próprias palavras.

Entendia por “biopolítica” a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos à prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam, desde o século XIX, e as questões políticas e econômicas em que se constituíram até os dias de hoje (FOUCAULT, 1997, p. 89).

Esse modelo de governo aporta-se no liberalismo, um princípio que visa à racionalização do exercício de governo, que, por sua vez, implica obediência aos ditames da economia. A sociedade, com seus problemas específicos, fez vir à tona o questionamento sobre a necessidade do governo; ou seja, evidenciou-lhe a indagação “por que é preciso governar?”. Com esse questionamento, coloca-se em questão o pertencimento ou não da sociedade ao Estado, em termos de interioridade ou de exterioridade, e indaga-se se o governo exercido pelo Estado é um bem ou um mal à população. Nessa feita, a economia descentralizada do Estado se fortalece, e a população torna-se alvo de um poder estatal, que objetiva governar a vida, visando a atender a uma política econômica do liberalismo que tem a indústria como modo de

FERNANDES, Cleudemar Alves; SOUSA, Kátia Menezes de. (Organizadores). Apresentação do Dossiê (Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.01-11, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

produção e, para tal, necessita de uma população saudável, em boas condições para desempenhar o trabalho. Trata-se de um poder que se organiza em torno da vida, e requer uma biopolítica investida de micros biopoderes. Como pontua Foucault (1997, p. 96), “o que deveria, portanto, ser estudado agora é a maneira como os problemas específicos da vida e da população foram colocados no interior de uma tecnologia de governo que [...] não cessou de estar obcecada [...] pela questão do liberalismo”.

Esses micros biopoderes – poderes sobre a vida – abrangem os sujeitos nas mais variadas instâncias; são micros ações que se estendem a toda população visando ao cuidado da higiene, da saúde, da alimentação, etc., para assegurar uma população saudável e disponível para a produção em conformidade com as demandas industriais do liberalismo. Assim, no liberalismo, explica Foucault em *Nascimento da biopolítica*, é sempre em nome da sociedade e do mercado que se coloca a questão da necessidade de novas tecnologias de governo da população. Nesse mesmo curso, Foucault (2008) vai tratar do conceito de biopolítica na sua vertente neoliberal, que tende a generalizar o princípio da racionalidade do mercado para domínios da vida social, fazendo com que o mercado atue de maneira a reger, normatizar e administrar a conduta da população.

Se a biopolítica traz a reconfiguração moderna do poder que implica fazer viver e deixar morrer, onde “a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal) é o que vai deixar a vida em geral mais sadia e mais pura” (FOUCAULT, 1999, p. 305), a governamentalidade neoliberal, seguindo a lógica da biopolítica, adota formas sutis de controle e de governo das populações e dos indivíduos que se dão pelas regras da economia de mercado globalizado. Logo, o sujeito deve ser um empreendedor de si mesmo para atuar no mercado de concorrência, uma instância privilegiada de produção de subjetividades. Para aqueles que se recusam a assumir-se como empreendedores de si mesmos no e para o mercado, resta o lugar das novas figuras da criminalidade e da anormalidade que justificam a eliminação ou exclusão de suas vidas, desencadeando, como analisa Duarte (2009), discursos e práticas recorrentes no presente que se aproximam do fascismo, na medida em que determinam uma padronização homogênea de comportamentos e condutas, anulando a produção das diferenças com base no mercado econômico como o lugar de produção de verdade, de desqualificação e de exclusão.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SOUSA, Kátia Menezes de. (Organizadores). Apresentação do Dossiê (Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.01-11, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Para a explanação do tema do evento supracitado, do qual resulta este dossiê, os pesquisadores envolvidos observaram que a atualidade brasileira evidencia reconfigurações da biopolítica, aspecto merecedor de estudo e investigações. Para o cumprimento dessa proposição, os artigos aqui reunidos abordam diferentes formas de acomodatamentos políticos e socioeconômicos que recaem nas maneiras de gerir a vida da população, e focalizam igualmente movimentos de reivindicações por reconhecimento, pelo direito à voz e ao pertencimento social. Além da problemática da biopolítica discutida por Foucault, outras reflexões desse autor foram abordadas para aquecer as discussões dos trabalhos que ora apresentamos. Das recorrências a esse pensador, destacamos as ponderações sobre sujeito e poder (FOUCAULT, 1995; 2015); questões concernentes à ética, à subjetividade e subjetivação (FOUCAULT, 1985; 1994; 2004), entre outras que animam os estudos então reunidos.

A lógica da biopolítica neoliberal de que a preservação da qualidade de vida de alguns está fundada na impossibilidade da vida de outros muitos nos leva, inclusive, a concordar com certo deslocamento da biopolítica para uma necropolítica, compreendida como um procedimento de governo que, ao invés de fazer viver, volta-se para o extermínio de grupos sociais, cujo perfil é considerado como destoante de uma sociedade normalizada. A exemplo do que tem acontecido com grandes grupos de refugiados, a necropolítica implica formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte. Mbembe (2018) demonstra que a noção de biopoder é insuficiente para dar conta dessas formas contemporâneas de submissão da vida ao poder da morte, e mostra a necropolítica como maneiras únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”.

Em se tratando da realidade atual brasileira, o primeiro artigo dos que compõem este dossiê, intitulado **A Necropolítica colonial da “ideologia de gênero” no Brasil: Queer como uma questão de seguridade nacional**, de Banu Bargu e Marina Segatti, vale-se das reflexões de Achille Mbembe, juntamente com as de Foucault, para problematizar esse deslocamento da biopolítica para a necropolítica no Brasil em relação a grupos específicos, discriminados em nome da ideologia de gênero. Segundo as autoras, a chamada “ideologia do gênero” ganhou pauta muito recentemente nas discussões e debates públicos no Brasil, e integra uma produção de discursos na

contemporaneidade. Para discorrerem sobre essa temática, Bargu e Segatti abordam os pressupostos biopolíticos que esses discursos abalam no que concerne ao *Queer*. Tendo como objetivo principal averiguar a maneira como o pleito *queer*, no Brasil atual, se articula como uma questão de segurança nacional, as autoras colocam em tela as noções foucaultianas sobre segurança e biopolítica, e consideram também o pensamento feminista decolonial, visando a explicitar a maneira como os engenhos de poder são arquitetados para manter e reforçar o conceito tradicional e conservador de família, o que acarreta o enquadramento de certos sujeitos como cidadãos adequados, e, ao mesmo tempo, a exclusão de outros, considerados inadequados, porque não se enquadram nos padrões ditos tradicionais. A análise arrolada indica que para os primeiros permanecem as proposições da biopolítica, já aos segundos vislumbram-se a imputação da necropolítica, uma vez que podem se apresentar como uma ameaça à tradição familiar brasileira.

Considerando o discurso em batimento com a história, aquela como condições de possibilidade e/ou determinação deste, o segundo artigo, sob o título **A Narrativa histórica: censura, controle, lutas de poder**, de Israel de Sá, aborda para reflexão narrativas históricas construídas pela mídia jornalística, visando a explicitar a produção de sentidos daí decorrentes. Para o empreendimento analítico, o autor firma-se na perspectiva genealógica de Michel Foucault, por meio da qual problematiza as relações de poder entre censura e interdição, controle e vontades de poder nas construções de verdades que se opõem. Feitas as ponderações sobre a construção dos efeitos de verdade, Sá procede a uma contraposição das lutas de poder com as "lutas de classes", consoante com as considerações de Foucault (2015), e reflete ainda sobre a emergência e a regularidade das narrativas históricas produzidas pela mídia acerca das ocupações de escolas por estudantes secundaristas ocorridas no Brasil, em 2015 e 2016. Após a análise de enunciados selecionados dessa materialidade discursiva, o autor reitera que as narrativas históricas jornalísticas são constituídas por duas vias conflitantes e oponentes: de um lado, encontram-se as possibilidades do dizer, e de outro, em oposição a este, as interdições do dizer.

Com vistas à produção de discursos em torno dessas mesmas ocupações, o terceiro artigo, intitulado **O Adolescente às margens do discurso: do sujeito sem autonomia àquele que luta nas/pelas escolas ocupadas**, o autor, Vinícius Durval

FERNANDES, Cleudemar Alves; SOUSA, Kátia Menezes de. (Organizadores). Apresentação do Dossiê (Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.01-11, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Dorne, aborda esses sujeitos adolescentes, estudantes do Ensino Médio, que ocuparam as escolas, como objetos de discursos jurídicos, como sujeitos que são falados algures. A materialidade tomada para análise consiste de enunciados publicados sob a forma de comentários em portais da internet que se ocuparam de noticiar, ou melhor, comentar as ocupações das escolas ocorridas durante o segundo semestre de 2016. Para o desenvolvimento do estudo proposto, Dorne tomou como norte teórico-metodológico a Análise do Discurso de linha francesa (AD), com especial recorrência às reflexões do filósofo Michel Foucault, ao que denominamos Análise do Discurso foucaultiana. A preocupação central do autor foi a de explicitar a maneira como os adolescentes são discursivizados, tomados como objetos do discurso de outros sujeitos, inscritos em outros e diferentes espaços sociais, dos quais procuraram demarcar aos ocupantes das escolas determinadas formas de existência, pelas quais visaram a normalizar e/ou normatizar os adolescentes em questão.

Essas ocupações se nos mostram como formas de resistência a uma governamentalidade, a uma biopolítica que, por meio de forças de poder, intenta controlar os sujeitos. Na esteira dessa problemática, com o foco em estudantes e professores do Ensino Médio, apresentamos o quarto artigo que compõe este dossiê: **Articulações entre discurso e poder-saber: uma análise da vigilância do Governo de Goiás sobre secundaristas e professores**, de Rafael Camargo de Oliveira e Kátia Menezes de Sousa. O objetivo central desse texto é analisar a maneira como se estabeleceram os mecanismos de controle que promoveram a integração de diversos órgãos do Governo do Estado de Goiás para impedir as manifestações de estudantes e professores do Ensino Médio, da rede estadual, unidos com docentes e alunos de universidades, contra a implementação das chamadas Organizações Sociais (OSs) na educação. Pautados nas considerações de Michel Foucault sobre o funcionamento das relações de poder e seus dispositivos, os autores analisam uma reportagem publicada pela Ponte Jornalismo composta pela divulgação das ações de um grupo no *Whastapp*, denominado “SOS Educação”, e mostram, pela análise dos discursos, o funcionamento do dispositivo de vigilância como uma tecnologia de poder voltada para o controle e a inibição das ocupações das escolas.

Sendo a biopolítica uma questão de governo exposta e problematizada pelas produções discursivas, conforme os pesquisadores vêm afirmando, o próximo estudo,

intitulado **Lugar de fala e ética de si: política e discursos em rede**, de Pedro Henrique Varoni de Carvalho, toma a Análise do Discurso de orientação francesa como um dispositivo teórico e metodológico que possibilita problematizar os novos modos de circulação dos enunciados nas redes interconectadas. Ao desenvolver o estudo, o autor afirma que as materialidades discursivas (enunciados que circulam nas redes) se transformam de acordo com as apropriações que os sujeitos interconectados fazem desses enunciados. Para aprofundar a reflexão, Carvalho discute as derivas de sentido do enunciado “lugar de fala” e explicita-lhe as relações entre a micro e a macro política, tendo em vista algumas ocorrências de disputas de poder entre uma ordem digital participativa e as mídias de massa. Com essa análise, o autor demonstra ainda que a evidência de conquistas em um nível de comportamento não equivale a um avanço político progressista no Brasil da atualidade. A questão da ética, apontada no título do artigo em correlação aos lugares de fala, implica refletir sobre formas de conduta, aspecto perpassado pelas relações de poder, e também sobre práticas de subjetivação, tendo, em última instância, o sujeito como efeito de uma subjetividade historicamente produzida e modificada. Essa temática, requerida pela complexidade própria à biopolítica, ocupa lugar central na discussão arrolada no artigo seguinte.

O sexto artigo ajuntado a este dossiê temático, de autoria de Kleber Prado Filho, intitula-se **Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo**. Nesse artigo, o autor aborda a reflexão de Michel Foucault sobre a genealogia da ética e reflete a respeito de práticas do sujeito em relação a si mesmo, em termos de cuidados e estetizações do próprio corpo e da subjetividade. Em suas reflexões, Prado Filho considera que essas práticas são historicamente produzidas e não são estáveis, estão sempre se modificando com o desenrolar da história. Após discorrer sobre diferentes experiências éticas em diferentes momentos da história, com foco na cultura ocidental, tendo dado maior visibilidade para a antiguidade grega, a entrada dos romanos na era cristã, e longas temporalidades da cultura cristã, o autor focaliza e reflete sobre o cuidado e a estetização dos corpos e da subjetividade por meio da análise de problemáticas atinentes aos sujeitos na contemporaneidade. A subjetividade correlaciona-se à biopolítica, uma vez que os discursos funcionam como práticas de subjetivação, aspecto propício à governamentalidade, sendo os sujeitos efeitos da subjetividade historicamente produzida e modificada.



A propósito dessa temática, o próximo texto, **O “Sujeito de interesse” e as novas configurações da subjetividade no contexto da biopolítica**, de Antônio Fernandes Júnior e João Paulo Ayub, discute o curso ministrado por Michel Foucault no Collège de France em 1979 (“O nascimento da biopolítica”), visando a explicitar as constatações de Foucault acerca de modificações da biopolítica que desencadeiam novos mecanismos de produção da subjetividade. Para o cumprimento da proposta apresentada, primeiramente, os autores mostram que o trabalho realizado por Foucault nesse curso consiste em uma crítica à crítica neoliberal da presença excessiva do Estado na vida da população. Essa crítica neoliberal problematiza a presença da liberdade e também a ausência da liberdade no âmbito do mercado. Isto, porque a lógica do discurso, pela qual a conduta dos sujeitos no mercado é orientada por uma regulação política, consistiu em inibir a ação do Estado e, ao mesmo tempo, restituir-lhe a liberdade pela soberania. Em suas reflexões, Fernandes Júnior e Ayub expõem que a análise de Foucault se opõe a essa crítica neoliberal e atesta que essa liberdade possibilita uma reconfiguração da biopolítica e, conseqüentemente, uma nova maneira de governar, o que implica novas configurações concernentes à produção de subjetividades.

A correlação da biopolítica com a produção da subjetividade é discutida também no oitavo artigo, de Cristina Batista de Araújo. Sob o título **A Ética do viver e a captação biopolítica**, a autora propõe-se a arrazoar predicativos da biopolítica na atualidade, considerando que o exercício de poder sobre a vida, visando à extinção dos riscos de morte, vale-se de projetos e programas institucionais voltados para a preservação do humano. Nesse estudo, a perda do medo da morte é analisada como uma forma de resistência, que será combatida pela biopolítica que visa à manutenção da vida. Para a sustentação do estudo, Araújo busca respaldo no pensamento de Michel Foucault, com ênfase nas formas de poder destinadas às orientações dos processos de subjetivação por meio de um biopoder que considera a vida como uma estratégia. Ao tratar do sujeito, o estudo expõe o corpo como objeto de poder-saber e de materialidade da produção de subjetividades. Feitas as reflexões e ponderações analíticas, a autora apresenta como conclusão a constatação de que a captura das subjetividades, visando ao controle da vida, assegura ao corpo a possibilidade de materializar formas de existências em conformidade com as escolhas e os posicionamentos dos sujeitos que habitam esses



corpos. O sujeito, no cuidado de si, veste-se de uma ética pela qual se opõe e resiste a padrões de normalização e normatização vigentes na sociedade, e também, como mostra Batista, define sua estética por meio das posições que ocupa, dos desejos que suscita, e das imagens que definem o sujeito do presente.

À ética vincula-se uma estética da existência; ambas se correlacionam, pela possibilidade de resistência, à biopolítica e encontram-se atravessadas por uma governamentalidade. Esses aspectos perpassam o artigo **Da Subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda**, de Humberto Pires da Paixão, com o qual encerramos este dossiê. Com recorrência a autores como Giorgio Agamben, Gilles Deleuze, além de Michel Foucault, Paixão aborda as linhas de subjetivação, em sua função de produção de subjetividades ou de identificações, como o que proporcionam uma mediação do sujeito consigo mesmo de modo que possa se assumir como sujeito de enunciados e, sobretudo, de visibilidades. Desse modo, o corpo é colocado em cena, sobre o qual recai, em termos de materialidade, o dispositivo da moda, que, como pontua o autor, transforma o indivíduo em sujeito, historicamente produzido e modificado. Resultados dos discursos e dos dispositivos a eles correspondentes, os indivíduos são transformados em sujeitos pela intersecção de diferentes dispositivos, em um jogo de regras, produzidas, postas em circulação e/ou disponibilizadas para, a partir delas, os sujeitos efetuarem um número restrito de operações sobre seus corpos, seus gestos, suas ações no interior de certos aparatos de visibilidade, resultantes dos processos de objetivação e subjetivação. A dessubjetivação, por sua vez, operada no centro de uma biopolítica voltada às populações, refere-se a sujeitos que se comportam em relação a essa gestão da população, como se não fizesse parte dela.

De uma maneira geral, os trabalhos aqui reunidos, ao discorrerem sobre a biopolítica e suas reconfigurações na atualidade, tecem considerações sobre ética e estética da existência, o que implica refletir sobre o sujeito em relação ao cuidado de si e sobre o discurso como o que recai na produção histórica da subjetividade. Verifica-se igualmente um biopoder implicado no campo da estética da existência. Esta, por sua vez, vincula-se à ética, que se volta para as formas de conduta e as construções das imagens que os sujeitos procuram fazer de si, diante dos papéis sociais e das definições identitárias que eles se atribuem, ou a eles são atribuídas.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SOUSA, Kátia Menezes de. (Organizadores). Apresentação do Dossiê (Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.01-11, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Como mostram os estudos que perscrutamos na composição deste dossiê, as reflexões de Foucault sobre ética e estética da existência colocam em pauta o biopoder, o poder sobre a vida, e também sobre o corpo. Esse poder se dá por meio de formas de dominação advindas de um governo estatal e/ou industrial de mercado; e também por meio de técnicas e cuidados de si, quando a governamentalidade implica o governo de si por si mesmo e pelos outros, ou o governo de si e dos outros. Delineia-se, assim, uma governamentalidade compreendida como “um campo estratégico de relações de poder [...] que deve referir-se a uma ética do sujeito definida pela relação de si para consigo” (FOUCAULT, 2004, p. 306-307). Essas ponderações possibilitaram uma análise da biopolítica considerando a constituição ética dos sujeitos perpassada pela produção da subjetividade. Para além das formas de governo da população e de grupos sociais geridas pelo Estado, a ética “constitui uma política-estética, isto é, uma escolha livre na qual estão em jogo o governo de si e dos outros, e o ideal de uma vida bela” (FOUCAULT, 1995, p. 266).

### *Referências*

- DUARTE, André. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 7 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *M. Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica. In: \_\_\_. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 87-97.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Trad. Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SOUSA, Kátia Menezes de. (Organizadores). Apresentação do Dossiê (Re)configurações da biopolítica no Brasil de hoje. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.01-11, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Sociedade Punitiva*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.